

**Violência do oprimido e violência do opressor:
dos modos de violência no *Prefácio* de Jean-Paul Sartre
a *Os Condenados da Terra* de Frantz Fanon.**

Lucas Gonçalves Palmier de Almeida

Mestrando em Filosofia na UFF

<http://lattes.cnpq.br/5864574874088334>

lucaspalmier@id.uff.br

43

A presente comunicação busca refletir sobre o estatuto e o papel político-emancipador da violência a partir do tratamento dessa noção no prefácio de *Os Condenados da Terra*. Nossa apresentação terá dois momentos. Primeiramente, de forma mais breve, contextualizaremos, nos termos de Sartre, a “idade de ouro” da colonização e como, em seguida, uma nova geração de colonizados, utilizando o humanismo europeu, acusam sua inumanidade, pondo fim, dessa forma, a essa era. Em seguida, discutiremos como o discurso de Fanon, ao diagnosticar a decadência europeia, traz um novo tom ao discurso descolonizador, ignorando e mesmo desprezando seus colonizadores. Dessa forma, a obra de Fanon mostra-se devastadora para eles ao se dirigir tão somente aos seus irmãos colonizados, falando de si e descobrindo a si mesmos, em uma total indiferença aos seus colonos.

Logo depois, veremos a resposta sartriana à objeção de seus conterrâneos europeus: por que então, diante dessa indiferença, ler Fanon? Por dois motivos, dirá Sartre: primeiro para nós, os europeus, nos conhecermos; segundo, e o mais importante para o presente trabalho, porque Fanon é o primeiro que se atentará à parteira da história: a violência. Aqui, portanto, teremos o segundo momento da nossa comunicação, onde, mais detidamente, analisaremos a figura da violência no prefácio de Sartre, assim como toda dialética que perpassa essa noção, iniciando com o que chamamos aqui de violência colonial, passando pela violência do oprimido e, por fim, culminando na violência revolucionária. Veremos como esse primeiro momento da violência, a violência colonial, produz uma espécie de sub-humanidade ao criar uma elite colonial e inserir diversas séries de racismos dentro desse próprio povo, estratificando o povo colonizado.

Em seguida, notaremos que o segundo momento da violência, a violência do oprimido, nada mais é senão a violência do opressor, interiorizada pelo oprimido, que, reprimida, torna-os alienados e os faz lutar entre si, desconhecendo o verdadeiro inimigo: o colono. E por fim, no terceiro momento da violência — a violência revolucionária —, a violência do oprimido volta-se contra seu opressor, num movimento de “bumerangue”. Veremos, ainda, que a partir dessa dialética e da leitura da obra surgirá um quarto momento da violência: a violência decolonial, aquela que produzirá uma violenta descolonização do colono que o leitor, sobretudo o leitor burguês, carrega dentro de si mesmo. Em suma, essa dialética da violência produzirá, no âmago do colonizado, mas também do colonizador, o que Sartre chama de “neurose colonial”, cuja cura será o próprio exercício da violência, mas dessa vez voltada para o colonizador. Isso significa, nas palavras de Sartre, que: “[...] as marcas da violência nenhuma doçura apagará, só a violência pode destruí-las.” (Sartre, 2005, p. 38)

Palavras-chave: Violência. Opressor. Oprimido. Sartre. Fanon.

Bibliografia:

FAUSTINO, Deivison Mendes. Sartre, Fanon e a dialética da negritude: diálogos abertos e ainda pertinentes. *EntreLetras*, v. 11, p. 74-101, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. Questão de Método. In: SARTRE, Jean-Paul. *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio à Edição de 1961. In: FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 2015.

YAZBEK, André Constantino. Sartre contra o humanismo: negatividade e violência. *Kalagatos*, v. 17, p. 86-101, 2020.